

## A TRIPARTIÇÃO DA FILOSOFIA NA IDADE MÉDIA E ANTIGÜIDADE E SUAS FONTES EM PLATÃO

MARCOS MARTINHO DOS SANTOS\*  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
da Universidade de São Paulo

**RESUMO:** *Pretende-se mostrar como as duas acusações que Sócrates refuta na Apologia e a defesa mesma que lá confirma se inserem em sistema que reparte e reúne as partes da filosofia. Para tal, começa-se pelas partições da filosofia propostas por scriptores artium tardios e, aos poucos, faz-se-as remontar às fontes antigas, que estão, de modo geral, nos filósofos gregos e romanos e, de modo particular, em Platão, no contexto das referidas acusações e defesa da Apologia de Sócrates.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *partes da filosofia; tripartição da filosofia; Platão; Apologia de Sócrates.*

*Ergo cum tripartita sit philosophia, [...] incipiamus* (SEN. *Ep.* 89 14)

Logo, já que é tripartida a filosofia, [...] comecemos.

### 1. A tripartição da filosofia nos *scriptores artium*

Das partições da filosofia que os *scriptores artium* tardios propuseram a mais completa parece ser a que se lê na *Eruditio didascalica* de Hugo de São Vítor (séc. XII d.C.). Antes de tudo, Hugo atenta para a partição da natureza humana, que constaria de bem e mal, e diz que o bem deve ser preservado, o mal, extirpado, se não ao menos atenuado (HUG. *Erud.* 1 6); em outras palavras, atenta para duas ações, que qualifica respectivamente como divina e humana (id. ib. 1 9). Mas se a parte do mal é simples, já que a natureza humana se distingue da divina pela simples forma, a do bem é dupla, já que aquela se assemelha a esta pela verdade e virtude (id. ib. 1 6.9). Assim, da ação divina a *speculatio veritatis*, ou “contemplação da verdade”, provê-nos do bem, e o *exercitium virtutis*, ou “exercí-

cio da virtude”, precavê-nos contra o mal, resguardando o bem; já da ação humana a *administratio corporis*, ou “administração do corpo”, remedeia o mal (id. ib. 1 9). Enfim, Hugo atenta para três ações que se perfazem, respectivamente, no espírito, alma e corpo.

De outro modo, atenta para três outras ações, que se perfazem, já não nas partes da natureza humana, mas naquelas da natureza universal, de que a mesma natureza humana é apenas uma das partes; em outras palavras, atenta para as ações que se perfazem, já não no microcosmo, mas no cosmo. Diz, então, que se devem considerar a ação de Deus, a ação da natureza e a ação do homem, respectivamente referidas nos seguintes passos do texto bíblico (id. ib. 1 10):

*In principio creavit Deus coelum et terram* [Gn 1,1]

No princípio criou Deus céu e terra;

*Producat terra herbam virentem* [Gn 1,11]

Produza a terra a erva verdejante;

*Consuerunt folia ficus, et fecerunt sibi perizomata* [Gn 3,7]

Coseram folhas de figueira e fizeram cinturões para si.

Com o verbo *creare*, pois, indica-se a ação de originar algo do nada, o que só Deus pode (id. ib.). Com o verbo *producere*, a ação de manifestar as virtualidades de algo, ou ainda, atuar as potências de algo, de modo que a natureza, diferentemente de Deus, necessita de matéria-prima para originar algo (id. ib.). Com o verbo *facere*, a ação que sintetiza as anteriores, pois que o homem, à semelhança da natureza, também necessita de matéria-prima para originar algo; à semelhança de Deus, porém, origina da matéria-prima algo que, não estando latente nesta, parece originar-se do nada (id. ib.). Por exemplo, do nada Deus criou a terra; da terra a natureza produziu a figueira, e da figueira as folhas; das folhas o homem fez, não o fruto, que lá jazia e seria atuado pela natureza, mas o cinturão, que se fez, por assim dizer, do nada.

De outro modo, enfim, diz Hugo que das coisas umas não têm princípio nem fim – são as eternas –; outras têm princípio, mas não fim – são as perpétuas –; outras, enfim, têm princípio e fim – são as temporais – (id. ib. 1 7). Então, do microcosmo prender-se-iam a contemplação da verdade, que se dá no espírito, às coisas eternas, e o exercício da virtude, que se dá na alma, às coisas perpétuas, e

a administração do corpo, que se dá no corpo, às coisas temporais; do cosmo, por sua vez, prender-se-iam às coisas eternas, perpétuas e temporais, respectivamente, a ação de Deus, a ação da natureza e a ação do homem.

Ora, daí vem a primeira partição da filosofia proposta por Hugo: de um lado, a *sapientia*, parte dupla, que trataria das coisas que não têm fim, isto é, das coisas eternas e das perpétuas; de outro, a *scientia*, parte simples, que trataria das coisas que têm fim, isto é, das temporais. À *sapientia*, pois, prendem-se a parte chamada *theorica* ou *speculativa* e a chamada *practica* ou *activa*; à *scientia*, por sua vez, a parte chamada *mechanica*<sup>1</sup> (id. ib. 1 9; cf. 2 19). Daí, à parte *theorica* respeitam a contemplação da verdade e a ação de Deus; à *practica*, o exercício da virtude e a ação da natureza; à *mechanica*, a administração do corpo e a ação do homem.

A essas três partes, porém, Hugo acresce outra, que entende, assim, não como desdobramento, mas como complemento daquelas. Pois se cada uma das três partes da filosofia atenta para coisas distintas, todas, porém, necessitam de um método ou via que as habilite a discernir as coisas por meio do juízo [*dialectical*] e, então, expor o juízo por meio do discurso [*grammatica*]; a nova parte da filosofia é, pois, a *logica*<sup>2</sup> (id. ib. 1 12; cf. 2 29).

Tal é, em suma, a primeira partição da filosofia proposta por Hugo: de um lado, as partes teórica, prática e mecânica; de outro, a lógica (id. ib. 1 13; 2 2). Tal partição, porém, diz Hugo ainda que se pode rearranjar. Para tal, basta que se conjuguem as partes prática e mecânica, por atentar ambas para a conduta, ou melhor, para a intenção, que se dá na alma [prática], e para a ação, que se dá no corpo [mecânica]; assim, obtém-se a seguinte tripartição da filosofia: a parte da especulação, a que corresponde a teórica; a da ação, a que correspondem a prática e mecânica<sup>3</sup>; a do julgamento e discurso, a que corresponde a lógica (id. ib. 2 19).

Na verdade, foi assim arranjada que os *scriptores artium* mais ou menos tardios propuseram, o mais das vezes, a primeira partição da filosofia, embora nomeando a parte teórica por *naturalis* ou *physica*, e a prática por *moralis* ou *ethica*<sup>4</sup>. É o que se vê do *Metalógico* e *Dos sete setenários* de João de Salesbury (séc. XII d.C.):

*Natae sunt ergo duae partes philosophiae, naturalis et moralis, quae, aliis nominibus, physica et ethica appellantur. Sed quia per imperitiam disserendi, multa inconvenientia colligebant, [...] necesse fuit investigari et promulgari scientiam, quae discretionem faceret vocum et intellectuum, et fallaciarum nubeculas dissiparet. Et hic quidem, sicut Boetius in*

*commento secundo Super Porphyrium asserit, est ortus logicae disciplinae* (SARES.B. *Met.* 2 2)

Nasceram, logo, duas partes da filosofia, a natural e a moral, que, com outros nomes, se chamam física e ética. Mas porque contavam [os peripatéticos] muitas divergências por imperícia no dissertar, [...] foi necessário investigar e promulgar uma ciência que fizesse o discernimento das vozes [= gramática] e intelecções [= dialética] e dissipasse as névoas da falácia. E aqui, sim, como assevera Boécio [séc. V-VI d.C.] no segundo comentário *Sobre Porfírio* [cap. 1], está a origem da disciplina lógica;

*Tres itaque facultates, naturalis, moralis, et rationalis, materiam praestant, quia singulae suas exponunt quaestiones. Quaerit enim ethica, parentibus magis, an legibus oporteat obedire, si forte dissentiant. Physica, an mundus aeternus sit, aut perpetuus aut initium habuerit, et sit finem habiturus in tempore, aut sit nihil horum. Logica, an contrariorum sit eadem disciplina, quoniam eorum idem sensus. Quaerunt ergo singulae, et licet suis muniantur principiis, eis tamen logica methodos suas, compendii scilicet rationes, communiter subministrat, unde non modo ad exercitationem, sed ad obviaciones, et ad, secundum philosophiam, disciplinas utilissima est* (id. ib. 2 13; cf. *Sept.* 7)

E assim três faculdades, a natural, a moral e a racional, apresentam matéria, porque expõem questões singulares. Pois a ética questiona se importa obedecer mais aos pais ou às leis, se acaso dissentirem aqueles destas. A física [questiona] se o mundo é eterno, ou perpétuo, ou tem início e há de ter fim no tempo, ou nada disso. A lógica [questiona] se é a mesma a disciplina de coisas contrárias, pois que é o mesmo o sentimento destas. Questionam, logo, singularmente, e, apesar de se munirem de princípios seus, àquelas, todavia, a lógica ministra em comum seus métodos, ou seja, arrazoados compendiosos, de onde [vem que] é muito útil não só à exercitação mas às vias e às disciplinas que seguem a filosofia;

é o que se vê, também, das *Origens* de Isidoro de Sevilha (séc. VI-VII d.C.):

*Philosophiae species tripartita est: una naturalis, quae Graece Physica appellatur, in qua de naturae inquisitione disseritur: altera moralis, quae Graece Ethica dicitur, in qua de moribus agitur: tertia rationalis, quae Graeco vocabulo Logica appellatur, in qua disputatur quemadmodum*

*in rerum causis vel vitae moribus veritas ipsa quaeratur. In Physica igitur causa quaerendi, in Ethica ordo vivendi, in Logica ratio intellegendi versatur* (ISID. *Orig.* 2 24 3-4)

Da filosofia a espécie é tripartida: uma a natural, que em grego se chama *physica*, em que se disserta da inquirição da natureza; outra a moral, que em grego se diz *ethica*, em que se debate sobre os costumes; terceira a racional, que com o vocábulo grego se chama *logica*, em que se disputa sobre como inquirir-se a verdade mesma nas causas das coisas [=física] ou costumes da vida [=ética]. Na física, logo, versa-se a causa da inquirição; na ética, a ordem da vida; na lógica, a razão da intelecção<sup>5</sup>;

é o que se vê, enfim, da *Instituição dos estudos humanos* de Cassiodoro (séc. VI d.C.):

*Artium aliae sunt positae in inspectione, id est cognitione et aestimatione rerum, qualis est astrologia: nullum exigens actum, sed ipso rei cuius studium habet, intellectu contenta, quae θεωρητικῆ vocatur. Alia in agendo, cuius in hoc finis est, ut ipso actu perficiatur, nihilque post actum operis relinquat, quae πρακτικῆ dicitur, qualis saltatio est. Alia in effectu, quae operis, quod oculis subjicitur consummatione, finem accipiunt [sic], quam ποιητικῆν appellamus, qualis est pictura* (CASSIOD. *Hum. litt.* 2)

Das artes umas se põem na inspeção, isto é, no conhecimento e estimativa das coisas, qual a astrologia, que nenhum ato exige, mas se contenta da intelecção mesma da coisa cujo estudo detém, denominando-se *theoretiké*. Outra [se põe] no agir, e está o fim dela em que se perfaça pelo ato mesmo e nada deixe após a atuação da obra, dizendo-se *praktiké*, qual a dança. Outra [se põe] no efeito e atinge [seu] fim na consumação de obra que se sujeita aos olhos, chamando-se *poietiké*, qual a pintura.

## 2. A tripartição da filosofia nos filósofos gregos e romanos

Na verdade, a tripartição da filosofia foi legada aos *scriptores artium* pelos filósofos gregos e romanos, ou melhor, pelos estóicos (cf. nota 4), seja seguidores romanos seja fundadores gregos, e por Aristóteles.

## 2.1. Nos estóicos

Do legado estóico testemunhou Diógenes Laércio já no séc. III d.C., quando era ainda incipiente a tradição patrística em que se filiariam os *scriptores artium*. Pois, nas *Vidas*, após preceituar, em geral, a tripartição da filosofia:

Μέρη δὲ τῆς φιλοσοφίας τρία, φυσικόν, ἠθικόν, διαλεκτικόν· φυσικὸν μὲν τὸ περὶ κόσμου καὶ τῶν ἐν αὐτῷ· ἠθικὸν δὲ τὸ περὶ βίου καὶ τῶν πρὸς ἡμᾶς· διαλεκτικὸν δὲ τὸ ἀμφοτέρων τοὺς λόγους πρεσβεῦον (DL 1 18)

Ora, as partes da filosofia são três: a física, a ética, a lógica. A física [é] aquela acerca do mundo e do que nele há; a ética, aquela acerca da vida e do que se tem a nós; a lógica, aquela que se encarrega dos arrazoados de ambas,

atribui o preceito, em particular, aos estóicos (id. 7 39-41).

Na verdade, não só os *scriptores artium* mas muitos filósofos gregos e romanos tomaram a tripartição da filosofia aos estóicos. Assim, de modo geral, alguns filósofos cínicos (ARIST. I 354). Assim, de modo particular, Sexto Empírico (séc. III d.C.), filósofo céptico, quando divide suas obras em partes correspondentes às da filosofia, atribui aos estóicos a tripartição da filosofia. Por exemplo, quando, nas *Sublinhas pirrônicas*, divide em três partes o exame que o *skeptikós* faz do *dogmatikós*, a fim de discutir o que este diz, primeiro, da lógica (SEXT. P. 2 13), depois, da física (id. ib. 3 1.167) e, enfim, da ética (id. ib. 3 168), assim diz:

Οἱ στωικοὶ τοῖνυν καὶ ἄλλοι τινὲς τρία μέρη τῆς φιλοσοφίας εἶναι λέγουσι, λογικὸν φυσικὸν ἠθικόν (id. ib. 2 13)

Os estóicos, então, e alguns outros dizem ser três as partes da filosofia: lógica, física, ética.

Quando escreve um *Contra os lógicos*, um *Contra os físicos* e um *Contra os éticos* e, naquele, se propõe discutir as partes da filosofia (id. L. 1 2), diz que das várias partições (id. ib. 1 2), propostas por muitos (id. ib. 1 5-15), a mais acabada é a ternária, em *tò physikón*, *tò ethikón* e *tò logikón* (cf. nota 4), proposta pelos estóicos (id. ib. 1 16; cf. ARIST. I 354). Assim também, Cícero (séc. I a.C.), filósofo acadêmico, diz:

*Totam philosophiam tris in partis dividerunt, quam partitionem a Zenone esse retentam videmus* (CIC. *Fin.* 4 2 4; ZEN. 1 45)

Dividiram [os velhos acadêmicos] a filosofia toda em três partes, a qual partição vemos ter sido sustentada por Zenão.

Ora, muitos são os preceitos dos estóicos referentes à tripartição da filosofia. Primeiro, preceituam a simples divisão da filosofia em três partes<sup>6</sup>; assim Zenão de Cício (séc. IV-III a.C.), como se vê do passo sobrecitado de Cícero, parte da doxografia do príncipe dos estóicos (ZEN. 1 45); assim Zenão de Tarso (séc. III-II a.C.):

Ἄλλοι δὲ οὐ τοῦ λόγου [sc. τοῦ κατὰ φιλοσοφίαν] ταῦτα μέρη φασίν [sc. *logicam, physicam, ethicam*], ἀλλ' αὐτὰς τᾶς φιλοσοφίας, ὡς Ζήνων ὁ Ταρσεύς (Z.T. III 3; cf. III 4)

Já outros declaram ser tais partes, não do arrazoado [filosófico], mas da filosofia mesma, como Zenão de Tarso.

Depois, nomeiam cada parte, chamando uma ética ou moral, outra física ou natural, outra lógica ou racional (cf. nota 4); assim Zenão de Cício e Crisipo (séc. III a.C.) e Diógenes da Babilônia (séc. III-II a.C.) e Apolodoro de Seleucia (séc. II-I a.C.) e Posidônio (séc. II-I a.C.) e Êudromo (séc. inc.):

Τριμερῆ φασίν εἶναι τὸν κατὰ φιλοσοφίαν λόγον. εἶναι γὰρ αὐτοῦ τὸ μὲν τι φυσικόν, τὸ δὲ ἠθικόν, τὸ δὲ λογικόν· οὕτω δὲ πρῶτος διείλε Ζήνων ὁ Κιτιεὺς ἐν τῷ περὶ λόγου καὶ Χρύσιππος ἐν τῷ α' Περί λόγου καὶ ἐν τῇ α' τῶν Φυσικῶν καὶ Ἀπολλόδωρος καὶ Σύλλος ἐν τῷ α' τῶν Εἰς τὰ δόγματα εἰσαγωγῶν καὶ Εὐδρομος ἐν τῇ Ἠθικῇ στοιχειώσει καὶ Διογένης ὁ Βαβυλώνιος καὶ Ποσειδώνιος (DL 7 39; cf. ZEN. I 45; CHRYS. II 37; DIOG. BAB. III 16; APD. SEL. III 1; EUDR. III 1)

Declaram [os estóicos] ser tripartido o arrazoado filosófico, pois dele há algo físico, algo ético, algo lógico. Assim primeiro distingue Zenão de Cício em *Do logos*, e Crisipo no primeiro [livro] de *Do logos* e na primeira [seção] das *Coisas físicas*, e Apolodoro, e Silo no primeiro [livro] das *Introduções às opiniões*, e Êudromo nos *Elementos éticos*, e Diógenes da Babilônia, e Posidônio;

Οἱ εἰπόντες τῆς φιλοσοφίας τὸ μὲν τι εἶναι φυσικόν, τὸ δὲ ἠθικόν, τὸ δὲ λογικόν· [...] ῥητότατα δὲ οἱ περὶ Ξενοκράτην καὶ οἱ ἀπὸ τοῦ περιπάτου, ἔτι δὲ οἱ ἀπὸ τῆς Στοᾶς ἔχονται τῆσδε τῆς διαιρέσεως (CHRYC. II 38)

[Coisa mais acabada são] os que disseram que da filosofia existe o físico, o ético, o lógico. [...] Já em palavras importaram-se dessa divisão Xenócrates e os peripatéticos, bem como os estóicos;

*‘Quemadmodum’ inquit ‘est aliqua pars philosophiae naturalis, est aliqua moralis, est aliqua rationalis [...]’* (SEN. *Ep.* 88 24; cf. DL 7 39; SEXT. *L.* 1 19)

“Assim como” diz [Posidônio] “uma parte da filosofia é natural, uma é moral, uma é racional [...]”.

Depois, definem cada parte, atribuindo à ética o escrutínio do comportamento humano, à física a investigação dos fenômenos naturais, à lógica a agudeza do discernimento e a propriedade do discurso, necessárias às anteriores<sup>7</sup>; assim Crisipo:

Δι’ ἣν αἰτίαν καὶ τριμερῆς ἐστὶν ἡ φιλοσοφία, Ζε τὸ μὲν φυσικόν, τὸ δὲ ἠθικόν, τὸ δὲ λογικόν· καὶ φυσικὸν μὲν ὅταν περὶ κόσμου ζητῶμεν καὶ τῶν ἐν κόσμῳ, ἠθικὸν δὲ τὸ κατησχολημένον περὶ τὸν ἀνθρώπινον βίον, λογικὸν δὲ τὸ περὶ τὸν λόγον, ὃ καὶ διαλεκτικὸν καλοῦσιν (CHRYC. II 35; cf. PLUT. *M.* 874 e)

Por essa causa também é tripartida a filosofia, da qual [existe] o físico, o ético, o lógico, e físico quando se investiga [algo] acerca do mundo e do que há no mundo, ético o vacar à vida humana, lógico o [vacar] à lógica a que também chamam [os estóicos] dialético;

assim Sêneca (séc. I d.C.):

*Philosophiae tres partes esse dixerunt et maximi et plurimi auctores: moralem, naturalem, rationalem. Prima componit animum; secunda rerum naturam scrutatur; tertia proprietates verborum exigit et structuram et argumentationes, ne pro vero falsa subrepan* (SEN. *Ep.* 89 9)

Que da filosofia são três as partes: a moral, a natural, a racional, disseram-no tanto grandes como freqüentes autores. A primeira compõe o ânimo; a segunda escruta a natureza das coisas; a terceira debate as propriedades das palavras, a estrutura, as argumentações, para que se não insinue o falso como verdadeiro.

Depois, dispõem as partes; aqui, porém, há discrepância nos testemunhos. Pois, segundo Plutarco (séc. I-II d.C.), Crisipo reservaria a primeira posição à lógica, a segunda à ética, a terceira à física:

‘Ο Χρύσιππος οἶεται δεῖν τῶν λογικῶν πρῶτον ἀκροᾶσθαι τοὺς νέους, δεύτερον δὲ τῶν ἠθικῶν, μετὰ δὲ ταῦτα τῶν φυσικῶν, ὡσαύτως δὲ τούτοις τὸν περὶ θεῶν λόγον ἔσχατον παραλαμβάνειν. Πολλάκις δὲ τούτων ὑπ’ αὐτοῦ λεγομένων, ἀρκέσει παραθέσθαι τὰ ἐν τῷ τετάρτῳ περὶ Βίων ἔχοντα κατὰ λέξιν οὕτω· “Πρῶτον μὲν οὖν δοκεῖ μοι, κατὰ τὰ ὀρθῶς ὑπὸ τῶν ἀρχαίων εἰρημένα, τρία γένη τῶν τοῦ φιλοσόφου θεωρημάτων εἶναι· τὰ μὲν λογικά, τὰ δὲ ἠθικά, τὰ δὲ φυσικά· εἶτα τούτων δεῖν ἀττεσθαι πρῶτα μὲν τὰ λογικά, δεύτερα δὲ τὰ ἠθικά, τρίτα δὲ τὰ φυσικά” (PLUT. *M.* 1035 a; cf. CHRYS. II 42)

Crisipo pensa que os novatos devem primeiro ouvir [falar] das coisas lógicas, em segundo das éticas, depois destas das físicas; que, assim, é para esses receberem por último o arrazoado acerca dos deuses. Ora, tendo ele falado isso aqui e ali, bastará expor o que [está] no quarto [livro] de *Sobre as vidas*, tendo à letra isto: “Primeiro, pois, parece-me, conforme o que corretamente os antigos disseram, ser três os gêneros das especulações do filósofo: o lógico, o ético, o físico. Então, desses deve-se dispor em primeiro o lógico, em segundo o ético, em terceiro o físico”.

Desse testemunho, aliás, pode-se inferir que é em Crisipo que pensa Sexto Empírico quando diz, genericamente, que os estóicos dispõem primeiro a lógica, depois a ética, depois a física:

Οἱ δὲ ἀπὸ τᾶς Στοᾶς καὶ αὐτοὶ ἄρχειν μὲν φασὶ τὰ λογικά, δευτερεύειν δὲ τὰ ἠθικά· τελευταῖα

δὲ τετάχθαι τὰ φυσικά. πρῶτον γὰρ δεῖν  
κατησφαλίσθαι τὸν νοῦν εἰς δυσέκκρουστον τῶν  
παραδιδομένων φυλακῆν· ὄχυρωτικὸν δὲ εἶναι τᾶς  
διανοίας τὸν διαλεκτικὸν τόπον· δεύτερον δὲ  
ὑπογράφειν τᾶν ἠθικᾶν θεωρίαν πρὸς βελτίωσιν  
τῶν ἡθῶν· ἀκίνδυνος γὰρ ἡ παραδοχῆ ταύτης ἐπὶ  
προὔποκειμένη τῇ λογικῇ δυνάμει· τελευταίαν δὲ  
ἐπάγειν τᾶν φυσικᾶν θεωρίαν· θειότερα γὰρ ἐστὶ  
καὶ βαθυτέρας δεῖται τᾶς ἐπιστάσεως (SEXT. L. 1 22-  
3; cf. CHRYS. II 44)

Quanto aos estoícos, também eles declaram ser o lógico o princípio, seguir-se[-lhe] o ético, dispor-se como acabamento o físico. Pois primeiro deve fazer-se inabalável o intelecto para inconcussamente guardar o transmitido [a ele], e o tenaz da inteligência é o lugar dialético. Em segundo [deve] inscrever-se a especulação comportamental [=ética] para habilitar-se os comportamentos, pois sem perigo é sua recepção [quando] sobre a potência racional subjacente. [Deve] introduzir-se como acabamento a especulação física, pois mais divina é e necessita de atenção mais profunda.

Segundo Diógenes Laércio, porém, o mesmo Crisipo, bem como Zenão de Cício e Êudromo, reservaria a primeira posição à lógica, a segunda à física, a terceira à ética:

Ἄλλοι δὲ πρῶτον μὲν τὸ λογικὸν τάττουσι,  
δεύτερον δὲ τὸ φυσικόν, καὶ τρίτον τὸ ἠθικόν· ὧν  
ἐστὶ Ζήνων ἐν τῷ Περὶ λόγου καὶ Χρύσιππος καὶ  
[...] Ἐυδρόμος (DL 7 40; cf. ZEN. I 46; CHRYS. II 43; EUDR. III 2)

Já outros dispõem primeiro o lógico, em segundo o físico, em terceiro o ético; naqueles estão Zenão, no *Do logos*, Crisipo [...] e Êudromo.

Enfim, sobre repartir a filosofia e, daí, nomear, definir e dispor-lhe as partes, Aristão (séc. IV-III a.C.), e não outros, ainda seleciona estas, de modo a excluir a física e a lógica e conservar tão somente a ética<sup>8</sup>:

Ἄρῃσκει οὖν αὐτοῖς [sc. τοῖς Κυνικοῖς] τὸν λογικὸν  
καὶ τὸν φυσικὸν τόπον περιαιρεῖν, ἐμπερῶς  
Ἄριστωνι τῷ Χίῳ, μόνῳ δὲ προσέχειν τῷ ἠθικῷ  
(ARIST. I 354)

Agrada, pois, aos mesmos [cínicos] suprimir o lugar lógico e o físico, aproximando-se [assim] a Aristão de Quios, e ater-se unicamente ao ético;

e justifica a seleção, arrazoando que a física estuda coisas que estão além de nós, e a lógica, coisas que estão aquém, e que só a ética estuda coisas nossas<sup>9</sup>:

Τόν τὲ φυσικὸν τόπον καὶ τὸν λογικὸν ἀνήρει, λέγων τὸν μὲν εἶναι ὑπὲρ ἡμᾶς, τὸν δ' οὐδὲν πρὸς ἡμᾶς, μόνον δὲ τὸν ἠθικὸν εἶναι πρὸς ἡμᾶς (id. I 351)

Suprime [Aristão] o lugar físico e o lógico, arrazoando que aquele está além de nós, que este nada tem conosco, que o ético é o único que se tem a nós;

Ἀρίστων ἔφη τῶν ζητουμένων παρὰ τοῖς φιλοσόφοις τὰ μὲν εἶναι πρὸς ἡμᾶς, τὰ δὲ μηδὲν πρὸς ἡμᾶς, τὰ δ' ὑπὲρ ἡμᾶς. πρὸς ἡμᾶς τὰ ἠθικά, μᾶ πρὸς ἡμᾶς δὲ τὰ διαλεκτικά (μᾶ γὰρ συμβάλλεσθαι πρὸς ἐπανόρθωσιν βίου)· ὑπὲρ ἡμᾶς δὲ τὰ φυσικά· ἀδύνατα γὰρ ἐγνώσθαι καὶ οὐδὲ παρέχειν χρεῖαν (id. I 352)

Declarava Aristão que das coisas investigadas pelos filósofos umas se têm a nós, outras nada têm conosco, outras estão além de nós: têm-se a nós as éticas; não se têm a nós as dialéticas [=lógica], pois não se coadunam com a correção da vida [=ética]; além de nós [estão] as físicas, pois [são] impossíveis de se conhecer e não apresentam utilidade;

Ταῦτα μὲν οὖν ὁ Σωκράτης· μετὰ δὲ αὐτὸν οἱ περὶ Ἀρίστιππον τὸν Κυρηναῖον, ἔπειθ' ὕστερον οἱ περὶ Ἀρίστωνα τὸν Χίον ἐπεχείρησαν λέγειν ὡς δέοι μόνα τὰ ἠθικά φιλοσοφεῖν· εἶναι γὰρ δᾶ ταῦτα μὲν δυνατὰ καὶ ὠφέλιμα· τοὺς μέντοι περὶ τᾶς φύσεως λόγους πᾶν τοῦναντίον μήτε καταληπτοὺς εἶναι μήτ', εἰ καὶ ὀφθείεν, ὄφελος ἔχειν τι. [...] οὐ γὰρ δᾶ διὰ γε τοῦτο φρονιμωτέρους ἢ δικαιοτέρους ἢ ἀνδρειοτέρους ἢ σωφρονεστέρους ἡμᾶς ἔσεσθαι, καὶ μᾶν οὐδὲ ἰσχυροὺς ἢ καλοὺς ἢ

πλουσίους, ὧν χωρὶς οὐχ οἶόν τε εὐδαιμονεῖν. ὄθεν ὀρθῶς εἶπε Σωκράτης ὅτι τῶν ὄντων τὰ μὲν ὑπὲρ ἡμᾶς εἶη, τὰ δὲ οὐδὲν πρὸς ἡμᾶς. εἶναι γὰρ τὰ φυσικὰ μὲν ὑπὲρ ἡμᾶς, τὰ δὲ μετὰ τὸν θάνατον οὐδὲν πρὸς ἡμᾶς, μόνον δὲ πρὸς ἡμᾶς τὰ ἀνθρώπινα. ταύτη δὲ καὶ χαίρειν αὐτὸν εἰπόντα τῇ Ἀναξαγόρου καὶ Ἀρχελάου φυσιολογίᾳ ζῆτεῖν ὅτι οἱ ἐν μεγάροισι κακὸν τ' ἀγαθὸν τε τέτυκται (id. I 353)

Estas coisas, pois, Sócrates; depois dele, os de Aristipo de Cirene; a seguir, enfim, os de Aristão de Quios pegaram a arrazoar: que as coisas éticas são as únicas que se devem filosofar, pois decerto estas seriam possíveis e úteis; entretantes, os arrazoados acerca da natureza [= física], bem ao contrário, nem seriam apreensíveis nem, mesmo se se pudessem admirar, teriam algo útil. [...] Pois decerto nós não haveríamos de ser por isso mais prudentes ou mais justos ou mais valorosos ou mais sóbrios e nem mais fortes ou mais belos ou mais ricos, sem o que não é possível ser bem-fadado. Daí [vem que] Sócrates diz corretamente que do que existe umas coisas estão além de nós, outras nada têm conosco; pois as físicas estariam além de nós, e as de depois da morte nada teriam conosco, e as únicas que teriam a nós seriam as humanas [= ética]. Assim, pois, ele, dizendo adeus ao estudo natural de Anaxágoras e Arquelaio, investigava “que mal que bem em casa te foi feito” [HOM. O. 4 392];

*Liber igitur a tali irrisione Socrates, liber Aristo Chius, qui nihil istorum [sc. physicorum] sciri putat posse* (id. I 355)

Livre, pois, de tal irrisão Sócrates, livre Aristão de Quios, que calcula que de nada desses [físicos] se pode ter ciência;

Καὶ Ἀρίστων δὲ ὁ Χῖος οὐ μόνον, ὥς φασι, παρηγεῖτο τήν τε φυσικᾶν καὶ λογικᾶν θεωρίαν διὰ τὸ ἀνωφελὲς καὶ πρὸς κακοῦ τοῖς φιλοσοφοῦσιν ὑπάρχειν, ἀλλὰ καὶ τοῦ ἠθικοῦ τόπους τινὰς συμπεριέγραφεν, καθάπερ τὸν τε παραινετικὸν καὶ τὸν ὑποθετικὸν τρόπον (id. I 356)

E também Aristão de Quios não só, como declaram, apunha a especulação física e lógica, por ser inútil e princípio de mal[es] para

os que filosofam, mas também proscreeu alguns lugares do ético, tais como o lugar parenético e o hipotético;

*Ariston Chius non tantum supervacuas esse dixit naturalem et rationalem [sc. partem philosophiae] sed etiam contrarias. moralem quoque, quam solam reliquerat, circumcidit. nam eum locum, qui monitiones continet, sustulit et paedagogi esse dixit, non philosophi, tamquam quicquam aliud sit sapiens quam generis humani paedagogus (id. I 357)*

Aristão de Quios disse ser não só supérfluas [as partes] natural e racional, mas ainda contrárias. Também a moral, que deixara só, entrecortou. Pois sustentou aquele lugar que contém admoestações e disse ser ele do pedagogo, não do filósofo, como se o sábio fosse algo outro que o pedagogo do gênero humano.

## 2.2. Em Aristóteles

Antes dos estóicos, porém, já Aristóteles (séc. IV a.C.) considera a tripartição da filosofia, pois assim distingue três *epistémai*:

Θεωρητικᾶ γὰρ καὶ πρακτικᾶ καὶ ποιητικᾶ λέγεται, ἕκαστον δὲ τούτων πρὸς τι σημαίνει· θεωρητικᾶ γὰρ τινος καὶ ποιητικῆ τινος καὶ πρακτικῆ (ARSTT. *Top.* 6 6 145 a 15-8; cf. 8 1 157 a 10-2)

Pois diz-se [a ciência] especulativa, atuativa e ficcional, e cada um desses [dizeres] acena para algo, pois [é] especulação de algo, ficção e ação de algo;

assim distingue três *diánoiai*:

Εἰ πᾶσα διάνοια ἢ πρακτικᾶ ἢ ποιητικᾶ ἢ θεωρητικῆ (id. *Met.* 5 1 1025 b 25; cf. *Nic.* 6 2 1139 a 27-8)

Se toda inteligibilidade é ou prática ou poética ou teórica;

assim distingue três *protáseis* e *problémata*:

Ἔστι δ' ὡς τύπῳ περιλαβεῖν τῶν προτάσεων καὶ τῶν προβλημάτων μέρη τρία. Αἰ μὲν γὰρ ἠθικαὶ

προτάσεις εἰσὶν, αἱ δὲ φυσικαί, αἱ δὲ λογικαὶ (id. *Top.* 1 14 105 b 19-21)

Das proposições e problemas, para que em esboço se compreendam, existem três partes, pois existem as proposições éticas, as físicas, as lógicas.

### 3. A tripartição da filosofia em Platão e Sócrates

Mas a tripartição da filosofia já estaria em Platão, se não em Sócrates, a julgar, primeiro, pelas lições de muitos autores antigos ou tardios e, depois, por um passo dos *Diálogos*, como se pretende mostrar a seguir.

#### 3.1. Fora dos *Diálogos*

Aristóteles diz que Platão, primeiro familiarizado com as opiniões de Crátilo e Heraclito sobre o sensível [teórica] (*ARSTT. M.* 1 6 987 a 32-5), depois concorde com Sócrates, que fez caso do comportamental [prática] e não da natureza [teórica] (id. ib. 1 6 987 b 1-4; cf. *Part. an.* 1 1 642 a 24-31), acabou por reunir as lições deste e daqueles (id. *M.* 1 6 987 b 4-6); em outras palavras, Platão teria harmonizado as partes física, de Crátilo e Heraclito, e ética, de Sócrates. Porém, é de reparar que Crátilo, tido, na *Metafísica* de Aristóteles, por representante da parte física, pois que par de Heraclito (id. ib. 3 5 1010a 10-5), aparece, no diálogo homônimo de Platão, a discutir sobre a correção dos nomes (*PLAT. Crat.* 384 a), o que seria matéria da lógica; demais, o mesmo diálogo é qualificado por Diógenes Laércio como lógico (*DL* 3 58; cf. *Proleg.* 10 26 36-9). Assim, poder-se-ia pensar, já com Aristóteles já com Platão, que o discípulo de Sócrates recolheu do mestre as lições de ética, e de Heraclito, as de física; já de Crátilo teria recolhido as de lógica.

Cícero, ao dizer, nos *Academica posteriora*, que é convenção ensinar a filosofia segundo uma *ratio triplex*:

*Una de vita et moribus, altera de natura et rebus occultis, tertia de disserendo et [...] iudicando* (*CIC. Ac.* 1 5 19)

A primeira da vida e costumes [=prática], a segunda da natureza e coisas ocultas [=teórica], a terceira do discurso e [...] juízo [=lógica],

diz que tal convenção foi aceita por Platão. Demais, diz no *Bruto* que Sócrates, rejeitando as partes física e lógica, propugnou pela ética<sup>10</sup> (id. *Br.* 8 31). Assim, Cícero opõe Sócrates, de um lado, aos sofistas, representantes da lógica, e, de outro, aos primeiros filósofos gregos, representantes da física<sup>11</sup>:

*His opposuit sese Socrates, qui subtilitate quadam disputandi refellere eorum instituta solebat. [...] Primumque tum philosophia, non illa de natura, quae fuerat antiquior, sed haec, in qua de bonis rebus et malis deque hominum vita et moribus disputatur, inventa dicitur* (id. *Br.* 8 31; cf. *Tusc.* 3 4 8; 5 4 10)

A esses [sofistas] opôs-se Sócrates, que, com disputa algo sutil, soía refutar-lhes as teses. [...] Pela primeira vez, então, inventou-se, dizem, a filosofia, não a da natureza, que fora a antiga, mas a que disputa sobre as coisas boas e más, bem como da vida e costumes dos homens.

Assim, poder-se-ia pensar, com Cícero, que Platão recolheu dos sofistas as lições de lógica; dos primeiros filósofos gregos, as de física; de Sócrates, as de ética.

Mas é com os platônicos que muitos pensam a relação entre Platão e a tripartição da filosofia. Platônicos do séc. II d.C. afirmam, primeiro, a primazia de Platão na tripartição da filosofia, como, em grego, Ático:

Ὅτι μὲν Πλάτων πρῶτος καὶ μάλιστα συναγείρας εἰς ἕν πάντα τὰ τᾶς φιλοσοφίας μέρη, τῶς ἐσκεδασμένα καὶ διερριμμένα ὡς περ τὰ τοῦ Πενθέως μέλη, καθάπερ εἶπέ τις, σῶμά τι καὶ ζῶον ὀλόκληρον ἀπέφηνε τᾶν φιλοσοφίαν, δᾶλα παντὶ λεγόμενα (ΑΤΤ. 1 2 2)

Que Platão, depois de por primeiro e maximamente congregar em unidade todas as partes da filosofia, até lá dispersas e espalhadas como os membros de Penteu, conforme alguém disse [NUM. 24], fez a filosofia parecer um corpo e vivente à parte, são dizeres claros a todos,

como, em latim, Apuleio:

[...] *ut primus tripartitam philosophiam copularit, sibique invicem necessarias partes, neque pugnare inter se tantummodo, sed etiam mutuis adjuvare auxiliis ostenderit* (APUL. *Plat.* 310, 4-7)

[...] que foi [Platão] o primeiro que copulou a filosofia tripartida e demonstrou que as partes eram necessárias umas às outras e não apenas não pelevavam entre si mas ainda se ajudavam com auxílios mútuos;

*Nam quoniam tres partes philosophiae congruere inter se primus obtinuit* [...] (id. ib. 310, 30-2)

Pois já que foi [Platão] o primeiro que obteve a congruência das três partes da filosofia entre elas [...].

Depois, opõem a filosofia de Platão, total, às dos predecessores, parciais. Assim, Ático julga Platão por aquele que reuniu num todo a parte teórica, de Anaxímenes e outros, a prática, de Pítaco e outros, e a lógica, de Zenão de Eléia e outros:

Οὔτε γὰρ οἱ περὶ Θαλᾶν καὶ Ἀναξιμένην καὶ Ἀναξαγόραν καὶ ὅσοι κατὰ ταῦτὸ γεγόνασι τούτοις ἀγνοοῦνται περὶ μόνην τᾶν ὑπὲρ τᾶς φύσεως τῶν ὄντων σκέψιν διατρίψαντες· οὐ μὲν οὐδὲ Πιττακὸς καὶ Περίανδρος καὶ Σόλων καὶ Λυκοῦργος καὶ οἱ παραπλήσιοι τούτοις λανθάνουσί τινες τᾶν αὐτῶν φιλοσοφίαν εἰς πολιτείαν καταθέντες· Ζήνων δὲ καὶ πᾶν τὸ ἐλεατικὸν τοῦτο διδασκαλεῖον καὶ αὐτὸ γνῶριμον ἐπὶ τῇ τέχνῃ τῶν λόγων μάλιστα σπουδάσαν. Τούτοις δ' ἐπιγενόμενος Πλάτων, ἄνθρωπος ἐκ φύσεως ἀρτιτελής καὶ πολὺ διενεγκῶν, οἷα κατὰπεμπτος ὡς ἀληθῶς ἐκ θεῶν, ἴν' ὀλόκληρος ὀφθῆ ἢ δι' αὐτοῦ φιλοσοφία, παρᾶκέ τ' οὐδὲν καὶ ἕκαστα ἠκρίβωσε, μήτ' ἐλλείπων πρὸς τὸ ἀναγκαῖον μήτε πρὸς τὸ ἄχρηστον ἐξενεχθεῖς (ΑΤΤ. 1 2 3-4)

Pois ninguém ignora que os de Tales, os de Anaxímenes, os de Anaxágoras e cada um dos gerados nesses se entretêm com a simples inspeção da natureza dos seres [=teórica]; nem tampouco escapa a alguém que Pítaco, Periandro, Solon, Licurgo e os pares desses depõem sua filosofia na política [=prática]; já Zenão e toda a escola eleática também são conhecidos por ter-se aplicado maximamente à técnica dos arrazoados [=lógica]. Já Platão, sucessor desses, varão recém-iniciado e mui distinto, como que verdadeira-

mente enviado dos deuses para que se visse à parte a filosofia dele, nada preteriu e cada coisa esmiuçou, nem deixando para o necessário, nem desviado para o inútil.

Já Apuleio julga que Platão reuniu numa só a filosofia natural de Heraclito, a moral de Sócrates e a intelectual de Pitágoras:

*Nam quamvis de diversis officinis haec ei essent philosophiae membra suscepta, naturalis ab Heracliteis, intellectualis a pythagoreis, moralis ex ipso Socratis fonte; unum tamen ex omnibus, et quasi proprii partus corpus effecit* (APUL. *Plat.* 310, 7-11)

Pois se bem que de diversas oficinas houvesse recebido esses membros da filosofia: dos heracliteus os da natural, dos pitagoreus os da intelectual, da fonte mesma de Sócrates os da moral, de todos, contudo, fez um corpo único e como que de paternidade própria;

*Quapropter inventa Parmenidae ac Zenonis studiosius exsecutus, ita omnibus, quae admirationi sunt singula, suos libros explevit* (id. *ib.* 310, 1-7)

Eis por que, após seguir com grande empenho as invenções de Parmênides e Zenão, de tal modo encheu seus livros com tudo que em si é para admirar.

Já nos *Prolegômenos à filosofia de Platão*, de anônimo do séc. VI d.C., lê-se que Platão, primeiro, usou da ética de Sócrates; depois, foi aos pitagóricos e, daí, ao heraclitiano Crátilo e o parmenidiano Hermipo:

Τᾶν ἠθικᾶν ὠφελθᾶναι Σωκράτους [...]. Μετὰ οὖν τᾶν πρὸς Σωκράτη φοίτησιν ἀπᾶλθεν πρὸς τοὺς Πυθαγορείους [...]. Ἐφοίτησεν δὲ καὶ Κρατύλῳ τῷ Ἡρακλείτειῳ καὶ Ἑρμίπῳ τῷ Παρμενιδεῖ (Proleg. 1 3 33 – 4 5)

Usou da ética de Sócrates [...]. Depois, então, de freqüentar Sócrates, foi até aos pitagóricos [...]. E freqüentou tanto o heraclitiano Crátilo como o parmenidiano Hermipo [=Hermógenes; cf. DL 3 6].

As lições dos platônicos são seguidas, então, por outros, embora às vezes modificadas; pois tomam Platão ora por aquele que reuniu numa filosofia total as

filosofias parciais dos predecessores, ora por aquele que inventou a lógica, isto é, a terceira parte da filosofia, somando-a, então, às outras duas, isto é, à física e ética, inventadas pelos predecessores, e perfazendo, então, a filosofia toda. Assim, já no séc. III d.C., Diógenes Laércio toma Platão ora por aquele que misturou a filosofia sensível de Heraclito, a intelectível de Pitágoras e a política de Sócrates:

Μίξιν τε ἐποιήσατο τῶν τε Ἡρακλειτείων λόγων καὶ Πυθαγορικῶν καὶ Σωκρατικῶν· τὰ μὲν γὰρ αἰσθητὰ καθ' Ἡράκλειτον, τὰ δὲ νοητὰ κατὰ Πυθαγόραν, τὰ δὲ πολιτικὰ κατὰ Σωκράτην ἐφιλοσόφει (DL 3 8)

E fez uma mistura dos arrazoados heracliteus, pitagóricos e socráticos, pois filosofou sobre o sensível conforme Heraclito, sobre o intelectível conforme Pitágoras, sobre o político conforme Sócrates;

ora por aquele que inventou a dialética, de modo a perfazer a filosofia, até então restrita, de um lado, aos arrazoados físicos de uns e, de outro, aos éticos de Sócrates:

Ὡσπερ δὲ τὸ παλαιὸν ἐν τῇ τραγωδίᾳ πρότερον μὲν μόνος ὁ χορὸς διεδραμάτιζεν, ὕστερον δὲ Θέσπις ἓνα ὑποκριτῶν ἐξεῦρεν ὑπὲρ τοῦ διαναπαύεσθαι τὸν χορὸν καὶ δεύτερον Αἰσχύλος, τὸν δὲ τρίτον Σοφοκλῆς καὶ συνεπλήρωσεν τῶν τραγωδίων, οὕτως καὶ τῆς φιλοσοφίας ὁ λόγος πρότερον μὲν ἦν μονοειδῆς ὡς ὁ φυσικός, δεύτερον δὲ Σωκράτης προσέθηκε τὸν ἠθικόν, τρίτον δὲ Πλάτων τὸν διαλεκτικὸν καὶ ἐτελεσιούργησε τῶν φιλοσοφίαν (id. 3 56; cf. 3 79)

Ora, assim como antes na tragédia primeiro atuava o coro só, depois Têspide inventou um recitador para repousar-se o coro, e Êsquilo um segundo, Sófocles o terceiro e [assim] completou a tragédia, assim também da filosofia o arrazoado era de uma única espécie, como o físico; em segundo, Sócrates propôs o ético; em terceiro, Platão [propôs] o dialético e levou a cabo a filosofia.

Dos que se fiam dos platônicos, por tomar Platão pelo que unificou as partes da filosofia e por opor a filosofia total de Platão à parcial dos predecessores, citam-se Aristocles (séc. II d.C.) e Fócio (séc. IX d.C.); aquele diz:

Ἐφιλοσόφησε δὲ Πλάτων [...] γνησίως καὶ τελείως. Οἱ μὲν γὰρ ἀπὸ Θαλοῦ φυσιολογοῦντες διετέλεσαν· οἱ δὲ περὶ Πυθαγόραν ἀπεκρύψαντο πάντα· Ξενοφάνης δὲ καὶ οἱ ἀπ' ἐκείνου, τοὺς ἐριστικοὺς κινήσαντες λόγους, πολὺν μὲν ἐνέβαλον ἱλιγγον τοῖς φιλοσόφοις, οὐ μᾶν ἐπόρισάν γέ τινα βοήθειαν. [...] Ἐπεισῆνεγκε τάς τε ἠθικὰς καὶ πολιτικὰς σκέψεις [...]. Πλάτων μέντοι, κατανοήσας, ὡς εἶη μία τις ἢ τῶν θείων καὶ ἀνθρωπίνων ἐπιστήμη, πρῶτος διείλε, καὶ ἔφη τᾶν μὲν τινα περὶ τᾶς τοῦ παντὸς φύσεως εἶναι πραγματείαν, τᾶν δὲ περὶ τῶν ἀνθρωπίνων, τρίτην δὲ τᾶν περὶ τοὺς λόγους (EUS. *Praep.* 11 2)

Ora, Platão filosofou [...] de modo genuíno e acabado. Pois os próximos a Tales, ao arrazoar sobre a natureza [=física], completaram-se; os circunstantes a Pitágoras cobriram as coisas todas [=física]; Xenófanes e os próximos a este, ao incitar as disputas lógicas, lançaram muita reviravolta aos filósofos, não abriram nenhuma passagem. [...] Introduziu [Sócrates] os exames éticos e políticos [...]. Platão, entretantes, tendo entendido que era única a ciência das coisas divinas e humanas, foi o primeiro que [a] distinguiu, declarando existir uma cogitação de toda a natureza [=física], a das coisas humanas [=ética], a terceira dos arrazoados [=lógica];

e Fócio:

᾽Οτι τᾶν μὲν θεωρητικᾶν καὶ φυσικᾶν Πλάτωνά φασι παρὰ τῶν ἐν Ἰταλία Πυθαγορείων ἐκμαθεῖν, τᾶν δὲ ἠθικᾶν μάλιστα παρὰ Σωκράτους, τᾶς δὲ λογικᾶς σπέρματα καταβολεῖν αὐτῷ Ζήνωνα καὶ Παρμενίδην τοὺς Ἐλεάτας (PHOT. 713 h)

Isto declaram: que a disciplina especulativa e física Platão aprendeu junto aos pitagoreus da Itália, e a ética, mais que tudo, junto a Sócrates, e da lógica lhe lançaram as sementes Zenão e Parmênides de Eléia.

Dos que se afastam dos platônicos, por tomar Platão, não pelo que unificou as partes da filosofia, mas pelo que contribuiu com a lógica para primeiro perfazer e depois unificar a filosofia, citam-se Agostinho (séc. IV-V d.C.) e Isidoro

de Sevilha. Agostinho, que, na *Cidade de Deus*, atribui a tripartição da filosofia a Platão (AUG. *Ciu.* 8 4), diz que Sócrates, renunciando às questões da natureza [teórica], voltou toda a filosofia para as questões da moral [prática] (id. ib. 8 3), de modo que, se Pitágoras sobressaiu pela vida contemplativa, aquele, pela ativa (id. ib. 8 4; cf. nota 8). Mas se a parte natural [teórica] é representada por Pitágoras, e a moral [prática] por Sócrates, ao reunir ambas Platão mesmo passa a representante da racional [lógica] (id. ib. 8 4). Assim também refere Isidoro de Sevilha cada uma das partes da filosofia a um respectivo fundador, afora referir a antiga filosofia, não a Pitágoras, mas a Tales (ISID. *Orig.* 2 24 4-8) – na verdade, o mesmo Agostinho divide a antiga filosofia em itálica e jônica, a que associa, respectivamente, Pitágoras e Tales (AUG. *Ciu.* 8 2; cf. nota 11) –. João de Salesbury, por sua vez, recolhe ambas as lições no *Metalógico* com estas palavras:

*Tradunt ergo [...] Augustinus et Isidorus, quod Plato philosophiam perfecisse laudatur, physicae, quam Pythagoras; et ethicae, quam Isocrates [sic] plene docuerat, adjiciens logicam* (SARESB. *Met.* 2 2)

É tradição, pois, [...] segundo Agostinho e Isidoro, que Platão é louvado por ter perfeito a filosofia, ao ajuntar à física, que Pitágoras [ensinara], e à ética, que Sócrates ensinara plenamente, a lógica.

A seguir, porém, diz que Aristóteles desenvolveu a lógica de tal modo que angariou as honras de *auctor* desta (id. ib. 2 2; cf. HUG. *Erud.* 2 3). Por isso, talvez, o *Opúsculo das sete artes*, de autor anônimo do séc. XI d.C., associa a parte natural a Pitágoras, a moral a Sócrates e Platão, e a racional a Aristóteles (*Sept. art.* 1-6; cf. nota 11).

Tal é a fortuna da lição dos platônicos, se não, anteriores a esta, das de Cícero e Aristóteles. Agora, pois, é para buscar um passo dos *Diálogos* em que se apoiem todas essas lições. Antes, porém, pode-se fazer uma digressão para pensar, ainda com os platônicos, um modo de organizar o estudo de Platão de acordo com a tripartição da filosofia.

Os platônicos propõem, primeiro, que se divida o estudo da filosofia de Platão nas três partes em que se divide a filosofia mesma<sup>12</sup>; assim, Ático:

Ἐπεὶ τοίνυν πάντων ἔφαμεν μετεῖναι τῷ Πλατωνικῷ καὶ φυσιολογοῦντι καὶ περὶ ἡθῶν λέγοντι καὶ διαλεγομένῳ, φέρε καθ' ἕκαστον ἐπισκεψώμεθα (ΑΤΤ. 1 2 5; cf. 2 4 1)

Já que então dizíamos que tudo interessa ao platônico, quer fale da natureza [= teórica], quer fale sobre hábitos [= prática], quer sobre dialética [= lógica], eia, inspecionemos cada coisa!;

assim, Apuleio:

*Quae autem consulta, quae δόγματα a graece licet dici, ad utilitatem hominum, vivendique et intelligendi et loquendi rationem extulerit, hinc ordiemur* (APUL. *Plat.* 310, 28-30)

Ora, aqueles conselhos, que em grego se podem dizer *dógmata*, para uso dos homens e exposição do estudo da vida [= prática], da intelecção [= teórica], da fala [= lógica]: por aí comecemos.

Alcínoo (séc. II d.C.), por sua vez, diz que é do mesmo Platão repartir-se o estudo da filosofia em três partes, que são, como diz, a *théa tòn ónton kai gnósis*, ou “inspeção e conhecimento dos entes” [teórica], a *práxis tòn kalón*, ou “ação do belo” [prática], e a *toú lógou theoría*, ou “especulação do arrazoado” [lógica] (ALCIN. 3 153 25-30, 154 6-9).

Tal proposta consuma-se, então, com a sistematização dos vários diálogos de Platão, classificados e ordenados de acordo com as três partes da filosofia (cf. nota 12). Muitos são os sistemas ou cânones dos *Diálogos*, dos quais alguns se resumem a seguir. No séc. II d.C., o cânon de Albino (ALB. *Intr.* 5) qualifica como físico o *Timeu*; como ético, a *Apologia*; como lógico, o *Teages*, *Crátilo*, *Lísis*, *Sofista*, *Laques* e *Político*. A par dessas, propõe outras qualificações de acordo, já não com as partes da filosofia, mas com subpartes destas; assim, qualifica como *elegktikós* ou “refutativo” [= lógico] o *Parmênides* e *Protágoras*; como *politikós* ou “civil” [= prático], o *Criton*, *República*, *Fedon*, *Mínos*, *Simpósio*, *Leis*, *Epístolas*, *Epínomis*, *Menéxeno*, *Clitofonte* e *Filebo*; como *peirastikós* ou “experimental” [= lógico], o *Eutífron*, *Menon*, *Ion* e *Cármides*; como *maieutikós* ou “obstetrício” [= lógico], o *Alcíbiades*; como *anatreptikós* ou “reverso” [= lógico], o *Hípias*, *Eutidemo* e *Górgias*.

Nos séc. III-IV d.C., o cânon de Jâmblico, primeiro, seleciona doze diálogos (cf. *Proleg.* 10 26 16-44), que resumiriam toda a filosofia de Platão. Destes, então, toma dois, o *Timeu* e o *Parmênides*, como diálogos que resumem, respectivamente, toda a física e toda a teologia de Platão, isto é, como diálogos teóricos (ib. 16-21.43-4). Enfim, dos dez diálogos restantes, toma, primeiro, dois, o *Alcíbiades* e o *Filebo*, dispondo-os como textos que se devem ler, respectivamente, em primeiro e último lugar, pois no *Alcíbiades* aprenderíamos a conhecer-nos a nós mesmos, o que é o

primeiro passo de nosso aprendizado, e no *Filebo* dialoga-se acerca do bem, que está acima de tudo e de tudo é acabamento (ib. 23-9). Toma, daí, os oito diálogos restantes, dispondo-os entre o *Alcibíades* e o *Filebo* assim: primeiro, dois práticos, que se subdividem em *politikós* ou “civil” (*Górgias*) e em *kathartikós* ou “purgativo” (*Fedon*); depois, dois lógicos, que se subdividem em *peri onomáton* ou “acerca dos nomes”, isto é, gramatical (*Crátilo*), e em *peri pragmatón* ou “acerca dos casos”, isto é, dialético (*Teeteto*); enfim, quatro teóricos, que se subdividem em *physikoí* ou “naturais” (*Sofista* e *Político*) e *theologikoí* ou “teológicos” (*Fedro* e *Simpósio*) (ib. 29-43). O cânon de Jámblico é ainda observado por vários platônicos posteriores, tais como Proclo, do séc. V d.C. (PROCL. *Alc.* 11 14-21; 177 19-22; *Tim.* 1 13 14-9; *Theol.* 1 8), e Olimpíodoro, do séc. VI d.C. (OLYMP. *Gorg.* 6.1-6).

A par das sistematizações dos platônicos, é de reparar a de Diógenes Laércio. Este define os tipos de diálogos (DL 3 49) de acordo com os quais classifica, um a um, os diálogos de Platão (id. 3 50-1; cf. 59-61). Assim, há o diálogo *hyphegetikós* ou “dirigente” e o *dzetetikós* ou “investigador”. Aquele se divide, de um lado, em *theorematikós*, que, por sua vez, se subdivide em *physikós* (*Tim.*) e *logikós* (*Pol. Crat. Parm. Soph.*), e, de outro, em *praktikós*, que, por sua vez, se subdivide em *ethikós* (*Ap. Crito. Phaed. Phaedr. Conu. Menex. Clit. Ep. Phil. Hippa. Amat.*) e *politikós* (*Rsp. Leg. Min. Epin. Atl.*). Já o diálogo *dzetetikós* se divide, de um lado, em *gymnastikós*, que, por sua vez, se subdivide em *maieutikós* (*1-2Alc. Theag. Lys. Lach.*) e *peirastikós* (*Eutyphr. Men. Io. Charm. Theaet.*), e, de outro, em *agonistikós*, que, por sua vez, se subdivide em *endeitikós* (*Prot.*) e *anatreptikós* (*Euthyd. Gorg. Hipp.ma. Hipp.mi.*). Quanto a Suidas (séc. X d.C.), tudo o que diz a respeito parece apoiar-se em Diógenes Laércio, quer quando abona os tipos de diálogos de Platão com toda a sistematização de Diógenes (SUID. *Diálogos*) quer quando diz tão somente:

Ἐἰσὶ δὲ οἱ γνήσιοι αὐτοῦ διάλογοι πάντες νς',  
ὧν οἱ μὲν εἰσι φυσιολογικοί, οἱ δὲ ἠθικοί, οἱ δὲ  
διαλεκτικοί (SUID. *Pláton*; cf. DL 3 57)

São os diálogos genuínos dele, ao todo, 56, dos quais uns são físicos, uns éticos, uns dialéticos.

### 3.2. Nos *Diálogos*

Enfim, é para buscar um passo dos mesmos *Diálogos* a que se possa referir a lição de Aristóteles e, daí, a de Cícero e, daí, as dos platônicos e *scriptores*

*artium*. Ora, diz Eusébio, num passo que sói integrar a doxografia do estóico Aristão, que, ao ocupar-se Sócrates apenas da ética, se dedicava à única ocupação própria dos homens, já que as demais eram ou superiores ou inferiores a estes, e explica que as superiores são as questões acerca da física, as inferiores, aquelas acerca da lógica; mais que isso, porém, refere as questões acerca da natureza, em particular, a Anaxágoras (EUS. *Praep.* 15 62; ARIST. I 353; cf. XEN. *Mem.* 1 1 13; 4 7 6.10; SEXT. *L.* 1 8; nota 9). Já Diógenes Laércio diz textualmente:

Ἄλλὰ καὶ Πλάτων ἐν τῇ Ἀπολογία μνησθεὶς Ἀναξαγόρου καὶ ἄλλων τινῶν φυσικῶν, ἃ Σωκράτης ἀρνεῖται, περὶ τούτων αὐτὸς λέγει, καίπερ ἀνατιθεὶς πάντα Σωκράτει (DL 2 45)

Mas também Platão, ao recordar-se, na *Apologia*, de Anaxágoras e alguns outros físicos, fala sobre aquelas coisas que Sócrates repudiava, ainda que ele as referisse todas a Sócrates.

Enfim, o passo de Platão que sirva de apoio às lições sobrecitadas será a *Apologia de Sócrates*, em que, de fato, Sócrates, ao ser acusado por Meleto de tratar de questões da física, retruca dizendo, com ironia, que aquele o deve estar confundindo com Anaxágoras (PLAT. *Ap.* 26 d; cf. *Phaed.* 98 b) – com Anaxágoras, conforme o mesmo Sócrates, ou, mais tarde, com o Pitágoras de Agostinho ou o Tales de Isidoro (cf. notas 10-1) –.

Mas atentemos, enfim, para as formulações precisas das partes da acusação e defesa que se lêem no texto de Platão. As acusações resume-as Sócrates nestes termos:

Ὡς ἔστιν τις Σωκράτης, σοφὸς ἀνὴρ, τὰ τε μετέωρα φροντιστῆς καὶ τὰ ὑπὸ γᾶς ὅπαντα ἀνεζητηκῶς καὶ τὸν ἥττω λόγον κρείττω ποιῶν (PLAT. *Ap.* 18 b; cf. 19 b)

Que existe certo Sócrates, homem sábio, que é meditador das coisas dos astros, que investigou tudo de sobre a terra [=teórica], que faz forte o arrazoado fraco [=lógica].

Os termos lembram, aliás, os que se empregam nas *Nuvens* de Aristófanes (séc. V a.C.). De fato, representa-se lá Sócrates a investigar os *metéora prágmata* ou “casos astrais” (AR. *Nub.* 218-34), e as personificações dos dois Arrazoados preten-

dem ensinar a Estrepsíades como fazer que o arrazoado fraco triunfe do forte (id. ib. 393-5; cf. DL 2 20: Καὶ Ἀριστοφάνης αὐτὸν κωμῶδει ὡς τὸν ἥττω λόγον κρείττω ποιοῦντα “E Aristófanes encena-o como a quem faz forte o arrazoado fraco”).

Já a defesa resume-a dizendo que seu único saber é a *anthrópine sophía* ou “saber humano” (PLAT. *Ap.* 20 d; cf. 23 a; XEN. *Mem.* 1 1 12), que consistiria em discorrer da *areté* ou “excelência” pelo escrutínio do indivíduo [prática] (PLAT. *Ap.* 38 a; cf. 30 b, 31 b, 41 e; XEN. *Mem.* 1 1 16).

Em suma, pelas formulações das partes da acusação e defesa, patenteia-se a parte da filosofia em que se insere Sócrates: não a parte teórica, que se ocupa da especulação da natureza, nem a lógica, que se ocupa da arte do raciocínio e eloquência, mas a prática, que se ocupa do exercício da virtude. E depreenda-se da *Apologia*, enfim, que para Sócrates o único meio de tornar os homens *phronimótatoi* e *bélistoi* é torná-los, antes, *áristoi* (PLAT. *Ap.* 36 c), de modo que, por isso, antes de os convidar a investigar os fenômenos da natureza ou incitar a manusear as armas da dialética e retórica, desafia-os a perscrutar a própria alma e conhecer-se a si mesmos.

## Conclusão

Assim, haveria um sistema de partição da filosofia implicado na *Apologia de Sócrates*, o qual teria sido explicado pelos filósofos e *scriptores artium* gregos e latinos. Tal seria o sentido da lição de Sexto Empírico, que distingue entre Platão, de um lado, e Xenócrates, os peripatéticos e os estoicos, de outro, na medida em que, naquele, a tripartição da filosofia está em potencial (cf. SEXT. *L.* 1 16: *dynámei*) e, nos demais, em palavras (cf. id. ib.: *rhétótata*).

Demais, o método aqui empregado para averiguar a referida tripartição da filosofia na *Apologia de Sócrates* poder-se-ia empregar, ainda, para averiguar outras partições. Pois cada uma das referidas três partes da filosofia subdivide-se, por sua vez, em outras três, igualmente implicadas no texto de Platão. Por exemplo, se se aplicasse a progressão geométrica de ponto, linha e plano à subdivisão da parte prática da filosofia, obter-se-iam as partes relativas à ação do indivíduo [ponto], do grupo de indivíduos, ou família [linha], e do grupo de grupos de indivíduos, ou cidade<sup>13</sup> [plano]; em outras palavras, obter-se-iam as partes ética, econômica [do gr. *oikos*: “casa, família”] e política<sup>14</sup> [do gr. *pólis*: “cidade”], respec-

tivamente. Assim, tal partição ou, se se quiser, subtripartição lê-se, explicitamente, em Aristóteles e outros<sup>15</sup>; implicitamente, porém, já estaria em Platão. Pois assim como, na *Apologia*, Sócrates enuncia sua inserção na primeira tripartição da filosofia, assim numa segunda, ao dizer que abdicou dos afazeres públicos [política] (PLAT. *Ap.* 36 b: *demegorikôn*; cf. 23 b: *póleos*) e de casa [economia] (id. ib. 36 b: *oikonomías*; cf. 23 b: *oikeíon*) para dedicar-se aos de si mesmo, ou do indivíduo [ética] (id. ib. 36 b: *tôn heautou*<sup>16</sup>).

## NOTAS

\* Professor de Língua e Literatura Latina do Curso de Graduação da FFLCH-USP e Doutorando em Latim pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.

1 Os termos gregos são assim vertidos ao latim. Pois, em primeiro lugar, assim como, em grego, *theorikós* deriva de *theorós*, isto é, “quem vê”, e *theoretikós* de *theoréo*, isto é, “ver”, assim, em latim, *speculatiuus* deriva de *spício*, isto é, “ver”; assim também, *theoría* verte-se por *speculatio*, isto é, “especulação” [ação de ver], assim como, aliás, *theorós* por *spectator*, isto é, “espectador” [quem vê], e *théatron*, isto é, “teatro”, por *spectaculum*, isto é, “espetáculo” [que é visto]. Às vezes, porém, emprega-se *contemplatiuus* por *speculatiuus*, de modo que alguns chegam mesmo a equiparar os termos latinos, como consta deste passo de Sêneca:

*Philosophia autem et contemplativa est et activa: spectat simul agitque*  
(SEN. *Ep.* 95 10)

Ora, a filosofia tanto *contemplativa* é como ativa: *especula* e age simultaneamente,

ou deste de Agostinho:

*Quarum activa ad agendam vitam [...] pertinet, contemplativa autem ad conspiciendas naturae causas et sincerissimam veritatem* (AUG. *Ciu.* 8 4)

Das quais [partes] a ativa pertence à ação da vida [...], já a *contemplativa* à *inspeção* das causas da natureza e da simplíssima verdade.

Em segundo lugar, assim como, em grego, *praktikós* deriva de *práссо*, isto é, “agir”, assim, em latim, *actiuus* deriva de *ago*, isto é, “agir”. Daí, se se vertem os termos gregos ao português por meio dos correspondentes latinos, obtêm-se as seguintes traduções:

- para *theorikós*, “especulativo” ou “especular”, se não “contemplativo”; para *praktikós*, “ativo” ou “atuativo”. Já o termo *mekhanikós* se traduziu ao latim por *adulterinus*, pois os *scriptores artium* faziam-no derivar de *moikhós*, isto é, “adúltero”, quando, em rigor, o termo derivaria de *mékhos*, isto é, “mecanismo”, de modo a traduzir-se, mais propriamente, por “maquinal” (HUG. *Erud.* 1 9).
- 2 Hugo diz que o termo grego *lógos* pode verter-se ao latim tanto por *sermo*, ou “discurso”, como por *ratio*, ou “razão”, donde vem, aliás, que fale em *logica sermotionalis* e *logica rationalis*, isto é, “lógica discursiva” e “lógica racional” (HUG. *Erud.* 1 12); assim também João de Salesbury (SARESB. *Met.* 1 10) e Isidoro de Sevilha (ISID. *Orig.* 2 24 7).
- 3 Avicena (séc. X-XI d.C.), ao sistematizar as partes da filosofia, explica a oposição entre especulação, modo teórico, e ação, modo prático. Segundo o filósofo iraniano, a parte teórica estuda coisas que não dependem da ação do homem, de modo que a este apenas caiba contemplá-las, por exemplo, os fenômenos da natureza; já a parte prática estuda coisas que justamente dependem daquela ação, por exemplo, as virtudes e vícios humanos (AVICENA. *O livro de ciência*. “Metafísica”). Mas a explicação de Avicena apóia-se em Aristóteles, seja num passo da *Metafísica* (ARSTT. *M.* 1 1 993 b 20-1) seja noutros da *Ética a Nicômaco* (id. *Nic.* 1 1 1095 a 5; 2 2 1103 b 26-9; 10 10 1179 a 35 – b 2). Cf. nota 9.
- 4 Os *scriptores artium* assim designam as partes da filosofia por termos que, em rigor, nomeiam os estudos próprios daquelas. Assim, por *moralis* (lat.), bem como por *ethikós* (gr.), isto é, “comportamental”, nomeia-se o estudo do comportamento, ou melhor, das virtudes e vícios do homem, de que se ocupa a parte prática (cf. nota 3). Por *naturalis* (lat.), bem como por *physikós* (gr.), isto é, “natural”, nomeia-se o estudo dos fenômenos da natureza de que se ocupa a parte teórica (cf. nota 3). Por *rationalis* (lat.), enfim, nomeia-se o estudo do juízo de que se ocupa a parte lógica (cf. nota 2). Tal modo de nomear, ademais, é legado estóico (cf. ZEN. I 45; CHRYS. II 37-8; DIOG. BAB. III 16; APD. SEL. III 1; EUDR. I; SEN. *Ep.* 88 24).
- 5 Este modo de dizer muito se aproxima ao de Agostinho, que fala em *causa subsistendi* ou “causa da existência”, *ratio intellegendi* ou “razão da intelecção”, *ordo vivendi* ou “ordem da vida” (AUG. *Ciu.* 8 4). Assim, pode-se depreender desses e de outros autores um vocabulário técnico adequado à exposição das três partes da filosofia. Do mesmo Agostinho, por exemplo, ainda se podem depreender os seguintes termos técnicos: para a parte ativa, a “ação da vida” (*ad agenda vitam*) ou “instituição dos costumes” (*ad mores instituendos*); para a contemplativa, a “inspeção das causas da natureza e da simplíssima verdade” (*ad conspiciendas naturae causas et sincerissimam veritatem*); ou então, para a ativa, o “fim de todas as ações” (*finem omnium actionum*); para a contemplativa, a “causa de todas as naturezas” (*causam omnium naturarum*); para a racional, o “lume de todas as razões” (*lumen omnium rationum*); ou então, os termos que se assinalam a seguir:

*Si enim homo ita creatus est ut per id quod in eo praecellit attingat illud quod cuncta praecellit, id est unum verum optimum Deum, sine quo nulla natura subsistit, nulla doctrina instruit, nullus usus expedit, ipse quaeratur ubi nobis sarta sunt omnia, ipse cernatur ubi nobis certa sunt omnia, ipse diligatur ubi nobis recta sunt omnia*

Pois se o homem de tal modo foi criado que, por meio do que nele precede, atinja aquilo que ao conjunto das coisas precede, isto é, o Deus uno, verdadeiro, ótimo, sem o qual nenhuma *natureza existe* [= teórica], nenhuma *doutrina instruí* [= lógica], nenhuma *utilidade aproveitada* [= prática], nele esteja a *inquirição*, onde nós temos a *trama* de tudo [= teórica]; nele o *discernimento*, onde nós temos a *certeza* de tudo [= lógica]; nele a *dileção*, onde nós temos a *correção* de tudo [= prática].

- 6 O port. “parte” traduz o gr. *méros*. Outros termos gregos, porém, empregam os estóicos; Apolodoro de Seleucia, por exemplo, fala em *tópoi* ou “lugares” da filosofia (APD. SEL. III 1); Crisipo (CHRYS. II 37) e Eudromo (EUDR. III 1), em *eide* ou “espécies”; outros, enfim, em *gêne* ou “gêneros” (DL 7 39). Em latim, além de *pars*, que traduz *méros*, emprega-se *locus* por *tópos* (cf. HIER. *Ep.* 30 1); *species* por *eídos* (cf. ISID. *Orig.* 2 24 3).
- 7 Ainda como definição, os estóicos comparam as partes da filosofia a partes de seres. Assim, uns, comparando a filosofia a um pomar, equiparam a física ao hasteamento das plantas, a ética ao ciclo dos pomos, a lógica à consistência dos muros; comparando a filosofia a um ovo, equiparam ética, física e lógica, respectivamente, a gema, clara e casca (SEXT. *L.* 1 17-8). Posidônio, porém, comparando a filosofia a um animal, equipara a física ao sangue e carne, a lógica aos ossos e nervos, a ética à alma (id. *ib.* 1 19; DL 7 40; CHRYS. II 38-40). Outros, enfim, comparam a filosofia a uma cidade (DL 7 130).
- 8 Se isso se diz de Aristão em particular, Diógenes Laércio, porém, diz dos estóicos em geral que das três vidas por estes preceituadas, isto é, do *bíos theoretikós*, do *praktikós* e do *logikós*, ou “vida especulativa, ativa e racional”, os estóicos elegeram a vida racional, por abraçar, como justificavam, as outras (DL 7 130).
- 9 O modo e termos com que Aristão justifica a seleção das partes da filosofia parecem irmanar-se com outros que Epicuro emprega na distinção entre coisas que dependem e coisas que independem de nós:

<Καὶ μᾶλλον ἅ μὲν κατ’ ἀνάγκην γίγνεσθαι λέγοντος>, ἅ δὲ ἀπὸ τύχης, ἅ δὲ παρ’ ἡμᾶς (EPIC. *Men.* 133)

E, mais, arrazoando gerar-se umas coisas conforme a necessidade, outras do acaso, outras por nós.

Ambos, contudo, parecem filiar-se em Aristóteles:

Πάντες δ᾽ ἀπράττουσι πάντα τὰ μὲν οὐ δι’ αὐτοὺς τὰ δὲ δι’ αὐτοὺς. τῶν μὲν οὖν μᾶ’ δι’ αὐτοὺς τὰ μὲν διὰ τύχην πρᾶττουσι τὰ δ’ ἐξ ἀνάγκης (ARSTT. *Rhet.* 1 10 7 1368 b)

Todos, então, em tudo atuam, ou não por meio de si mesmos, ou por meio de si mesmos. No em que não por meio de si mesmos, ou atuam por meio do acaso, ou a partir da necessidade;

Τῶν δὲ γιγνομένων τὰ μὲν φύσει γίγνεται τὰ δὲ τέχνη τὰ δὲ ἀπὸ ταύτομάτου (id. *Met.* 7 7 1032 a 12-3)

Do que se gera umas coisas são geradas pela natureza, umas pela arte, umas de moto próprio.

O mesmo Aristóteles, enfim, parece buscar a Platão o modo e termos de sua discussão:

Λέγουσί ποῦ τινες ὡς πάντα ἐστὶ τὰ πράγματα γιγνόμενα καὶ γενόμενα καὶ γενησόμενα τὰ μὲν φύσει, τὰ δὲ τέχνη, τὰ δὲ διὰ τύχην (PLAT. *Leg.* 10 888 e)

Declaram alhures que todas as ações, que se geram e geraram e geram, existem umas por natureza, outras por arte, outras por meio do acaso.

10 Sobre isso é de reparar o que dizem, antes de todos, Xenofonte e Platão; pois Diógenes Laércio e Sexto Empírico são uníssonos em dizer que aquele nega, este afirma que Sócrates fosse dado à especulação da natureza (DL 2 45; SEXT. *L.* 1 8-10; cf. EUS. *Praep.* 15 62). De fato, Xenofonte é taxativo ao declarar que Sócrates se absteve de especular as coisas da natureza (XEN. *Mem.* 1 1 11-6) e outras tais como as de geometria (id. ib. 4 7 2-3), astrologia (id. ib. 4 7 4) e astronomia (id. ib. 4 7 5-7). Já Platão faz Sócrates declarar expressamente que cobijou, em jovem, o saber dos que estudavam a natureza (PLAT. *Phaed.* 96 a; cf. 95 e – 99 d), tendo lido, então, os livros de Anaxágoras sobre tal matéria (id. ib. 98 b). Assim, Diógenes Laércio, se, de um lado, tem Sócrates pelo introdutor da ética na filosofia (DL 1 14), de outro, porém, diz que o mesmo Sócrates, além de ética, ensinou retórica:

Καὶ γὰρ πρῶτος [...] μετὰ τοῦ μαθητοῦ Αἰσχίνου ῥητορεύειν ἐδίδασξε [...]. καὶ πρῶτος περὶ βίου διελέχθη (id. 2 20)

Foi [Sócrates] o primeiro que ensinou retórica [=lógica] [...]. E foi o primeiro que arrazoou acerca da vida [=ética],

e também física:

Δοκεῖ μοι καὶ περὶ τῶν φυσικῶν ὁ Σωκράτης διειλέχθαι· ὅπου γε καὶ περὶ προνοίας τινὰ διαλέγεται, καθά φησι καὶ Ξενοφῶν, καίτοι περὶ μόνων τῶν ἠθικῶν ποιεῖσθαι τοὺς λόγους αὐτῶν εἰπῶν (id. 2 45)

É opinião minha que também acerca de física arrazoou Sócrates, ao menos onde algo arrazoou acerca da providência, conforme declara

também Xenofonte, ainda que dizendo que ele tenha feito arrazoados unicamente acerca de ética.

- 11 Se os testemunhos antigos concordam em estabelecer um único introdutor da ética na filosofia, Sócrates, o mesmo não fazem quando se trata do introdutor da física ou da lógica. Antes de tudo, porém, é de reparar que os antigos distinguem entre o *inuentor*, de um lado, e o *autor* ou *amplificador*, de outro, isto é, entre quem descobre algo e quem desenvolve algo. Assim, Sócrates é para todos o representante da ética na filosofia porque dela é, a um tempo só, *inuentor* e *amplificador*. Da física, então, Cícero considera como *inuentor* e *amplificador* Pitágoras (CIC. *Tusc.* 5 4 10). Com ele concorda Agostinho (AUG. *Ciu.* 8 4), dele, porém, discorda Isidoro de Sevilha, que considera Tales (ISID. *Orig.* 2 24 4); já Aristocles considera ambos (EUS. *Praep.* 11 2), e Ático considera Tales, Anaxímenes e Anaxágoras (ATT. 1 2 3). Quanto às subpartes da física, Heraclito é o que tratou dos *naturalia* ou *aisthetá*, isto é, do natural ou sensível, e Pitágoras, dos *intellectualia* ou *noetá*, isto é, do intelectível, como querem Apuleio (APUL. *Plat.* 310, 8-9) e Diógenes Laércio (DL 3 8). Da lógica, enfim, concordam os testemunhos antigos na medida em que distinguem entre o *inuentor*: Parmênides ou Zenão de Eléia, e o *autor* ou *amplificador*: Platão ou Aristóteles. Assim, quanto ao *inuentor*, Aristóteles diz que é Zenão de Eléia o inventor (cf. DL 8 57: *heurein*) e principiadador (cf. SEXT. *L.* 1 7: *arkhegós*) da dialética (ARSTT. *Soph. Frag.* 1), com o que parecem concordar Ático (ATT. 1 2 3) e Diógenes Laércio (DL 1 18). Já Apuleio se refere à lógica como ao invento de Parmênides e Zenão (APUL. *Plat.* 310, 2: *inventa Parmenidae ac Zenonis*), e Fócio diz que as sementes da lógica foram lançadas por Zenão e Parmênides (PHOT. 713 h). Outros, porém, apontam Platão, por exemplo, Diógenes Laércio (DL 3 56), Agostinho (AUG. *Ciu.* 8 4) e Isidoro de Sevilha (ISID. *Orig.* 2 24 7). Quanto ao *amplificador* ou *autor*, enfim, uns dizem ser Platão (CAPEL. 4 330: *amplitudinem*), outros, Aristóteles (*Sept. art.* 6). A questão do *inuentor* e do *amplificador* ou *autor* da lógica é, porém, assim resumida por Hugo de São Vítor:

*In ea quoque dialectica primum inventa est a Parmenide, qui civitates et coetus hominum fugiens in rupe consedit non modico tempore, sicque dialecticam excogitavit [...]. Plato autem [...] in Aegyptum migravit, ibique perceptis liberalibus disciplinis. [...] Hic primus logicam rationalem apud Graecos instituit, quam postea Aristoteles discipulus ejus ampliavit, perfecit et in artem redegit* (HUG. *Erud.* 3 2)

Nele [sc. Egito] também a dialética foi *inventada* por Parmênides, que, fugindo à cidade e convívio com os homens, residiu como rupestre por não pouco tempo e, assim, excogitou a dialética [...]. Ora, Platão emigrou para o Egito, tendo lá recebido as disciplinas liberais. [...] Este [sc. Platão] foi o primeiro que *instituiu* a lógica racional junto aos gregos, a qual, depois, Aristóteles, discípulo dele, *ampliou*, perfez e agregou à arte;

e por João de Salesbury:

*Et licet Parmenides Aegyptius in rupe vitam egerit, ut rationes logices inveniret, tot et tantos studii habuit sucesores, ut ei inventionis suae, totam fere praeperuerint gloriam. Tradunt ergo [...] quod Plato philosophiam perfecisse laudatur, physicae[...] et ethicae[...] adjiciens logicam [...]. Deinde Aristoteles artis regulas deprehendit et tradidit. Hic est Peripateticorum princeps, quem ars ista praecipuum laudat auctorem* (SARESB. *Met.* 2 2)

E apesar de o egípcio Parmênides ter passado a vida como rupestre, para que *inventasse* os arrazoados da lógica, tantos e tamanhos sucesores do estudo [dele] houve que lhe surripiaram quase toda a glória de *inventor* daquela. É tradição, logo, [...] que Platão é louvado por ter perfeito a filosofia, ao *ajuntar* à física [...] e à ética [...] a lógica [...]. Daí, Aristóteles depreendeu e transmitiu as regras da arte. É ele o principiator dos peripatéticos que tal arte louva como precípua *autor*.

Em suma, da ética é Sócrates *inventor* e *amplificador*. Da física é, em geral, Pitágoras, se não Tales de Mileto, se não outros, e é, em particular, Pitágoras o das coisas intelectíveis, e Heraclito o das sensíveis. Da lógica o *inventor* é Parmênides ou Zenão de Eléia, e o *amplificador*, Platão ou Aristóteles; de acordo com Hugo de São Vítor e João de Salesbury, porém, Parmênides seria quem a inventou no Egito; Platão, quem a introduziu na Grécia; Aristóteles, quem a ampliou.

- 12 Assim também os platônicos propõem que se divida o estudo de Aristóteles; daí vem que o *corpus aristotelicum* se organize em partes análogas às partes da filosofia, de modo a recolher-se, primeiro, as obras lógicas ou racionais (*Categorias*, etc.), depois, as teóricas ou especulativas (*Física*, etc.) e, enfim, as práticas ou atuativas (*Ética a Nicômaco*, etc.).
- 13 Pensar a *pólis* ou “cidade” como um grupo de *oikoi* ou “famílias” é o que faz Aristóteles, ao referir-se àquela por meio do termo *synoikía* (ARST. *Pol.* 16 11 1), que em português se poderia ou desdobrar em “conjunto [*syn-*] de famílias [*-oikía*]” ou traduzir por “comunidade”, “conglomeração”, “consórcio”.
- 14 Os termos gregos podem-se verter ao português pelo latim. Ora, em primeiro lugar, assim como em grego *politikós* deriva de *pólis*, isto é, “cidade”, assim em latim *urbanus* e *ciuilis* derivam, respectivamente, de *urbs* e *ciuitas*, isto é, “urbe” e “cidade”. Em segundo lugar, assim como em grego *oikonomikós* deriva de *oikos* e *nómos*, isto é, “casa” e “lei”, assim em latim *domesticus* deriva de *domus*, isto é, “casa”. Em terceiro lugar, assim como em grego *ethikós* deriva de *éthos*, isto é, “comportamento”, assim em latim *moralis* deriva de *mos*, isto é, “costume”. As equiparações entre os termos gregos e latinos já são propostas por Cícero, que, assim, traduz *politikós* por *ciuilis* (CIC. *Fin.* 4 2 5; 5 23 66), *oikos* por *domus* (id. *Att.* 15 16 b), e *éthos* por *mos* (id. *Fat.* 1 1; *Or.* 37 128).

Daí, se se vertem os termos gregos ao português por meio dos correspondentes latinos, obtêm-se as seguintes traduções: para *politikós*, “civil” ou “urbano”; para *oikonomikós*, “doméstico”; para *ethikós*, “moral”.

- 15 Por exemplo, em ARSTT. *Nic.* 6 8 1141 b 23 – 9 1142 a 10; *Eud.* 1 8 1218 b 12-4. Demais, assim como o *corpus aristotelicum* se organiza de acordo com a primeira tripartição da filosofia (cf. nota 12), assim as obras práticas ou atuativas de Aristóteles se organizam em obras políticas ou civis (*Política, Constituição de Atenas*), econômicas ou domésticas (*Economia*) e éticas ou morais (*Ética a Nicômaco, Ética a Eudemo, Grande morale Acerca de virtudes e vícios*).
- 16 Como Platão, também Aristóteles designa a parte ética pela perífrase de *tò hautou*, apondo-lhe, ademais, os termos *oikonomía* e *politeía* (ARSTT. *Nic.* 6 9 1142 a 9-10).

SANTOS, M. M. dos. *The threefold division of philosophy at Middle Ages and antiquity and her sources in Plato.*

**ABSTRACT:** *I mean to show how the two accusations that Socrates confutes in the Apology and the own defence that he corroborates are inserted in a system dividing and joining again the parts of philosophy. Therefore I begin with the divisions of philosophy proposed by the late scriptores artium and, little by little, I make them turn up to their ancient sources, that are, in general, in Greek and Roman philosophers and, in particular, in Plato, in the partys of accusation and defence presented in the Apology.*

**KEYWORDS:** *parts of philosophy; threefold division of philosophy; Plato; Apology.*